

MEMÓRIAS NÃO DITAS: DO TERÇO AO GIZ, DA DEVOÇÃO À EDUCAÇÃO.

Carlos Carneiro de Jesus¹

RESUMO: O presente trabalho toma corpo a partir da visita in loco primeiramente, na observação da devoção a São José no dia dedicado ao padroeiro, pelos moradores da comunidade da Barriguda em Canudos. A metodologia consiste na captação oral por meio da entrevista concedida pela ex-professora aposentada Dona Helena Rodrigues dos Santos, que teve como objetivo enaltecer o recurso da oralidade como possibilidade histórica e fonte para pesquisas no campo da memória, já que a mesma é um manancial vivo, com a perspectiva do narrador, baseado em relatos ora vivenciados pelos seus antepassados, podendo gerar documentos palpáveis e fazer personagens anônimos tomar posse do protagonismo, que ora foram esquecidos ou não exaltados pela história ou a literatura. O resultado do trabalho apontou novos nomes contemporâneos da guerra de Canudos, ampliou o bojo para novas pesquisas, perpassou por questões educacionais e conclui-se que ainda há muito o que ser dito.

PALAVRAS-CHAVES: São José. Oralidade. Memória. História.

ABSTRACT: The present work takes shape from the first visit in loco, in the observation of the devotion to São José on the day dedicated to the patron saint, by the residents of the Barriguda community in Canudos. The methodology consists of the oral capture through the interview given by the retired former teacher Dona Helena Rodrigues dos Santos, which aimed to praise the resource of orality as a historical possibility and source for research in the field of memory, since it is a source alive, with the narrator's perspective, based on reports sometimes experienced by their ancestors, being able to generate tangible documents and make anonymous characters take possession of the protagonism, which were sometimes forgotten or not exalted by history or literature. The result of the work pointed out new contemporary names of the Canudos war, expanded the scope for new research, went through educational issues and it is concluded that there is still much to be said.

KEYWORDS: Saint Joseph. Orality. Memory. History.

INTRODUÇÃO

Os fieis católicas acreditam em São José como o protetor da família, mas também como um santo próximo do agricultor, do trabalhador e protetor da plantação e da colheita, o santo que traz a chuva para o início da plantação, os nordestinos

¹ Graduado em Letras e graduando em História pela UNEB – Universidade do Estado da Bahia.

acreditam que se chover no dia de São José 19 de março, a colheita será boa de feijão, melancia, abobora e sobretudo do milho, que será consumido no mês de junho, nos festejos juninos.

Esse trabalho, mostra a estreita relação da devoção a São José com a religiosidade e o cotidiano dos devotos, está dividido em duas partes com base em uma entrevista concedida pela ex-professora aposentada Helena Rodrigues dos Santos, descendente de conselheiristas, no primeiro momento a entrevistada fala como a comunidade da Barriguda – Canudos, iniciou a devoção ao padroeiro São José e na segunda parte a educação vem à tona pelo ofício ora praticado pela ex-professora aposentada.

Esse trabalho objetiva enaltecer o recurso da oralidade como possibilidade histórica e fonte para pesquisas no campo da memória, já que a mesma é um manancial vivo, com a perspectiva do narrador, baseado em relatos ora vivenciados pelos seus antepassados, podendo gerar documentos palpáveis e, portanto, é necessário considerá-la, preservando-a como diz Paul Thompson:

... a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

A metodologia desse trabalho foi por meio da colheita de informação, onde a entrevistada apresentou suas memórias, vivências e impressões a partir da origem da novena dedicada ao São José na comunidade da Barriguda que acontece anualmente e infelizmente não é registrado devidamente ao ponto de fazer o município ter o reconhecimento histórico-cultural sobre tal movimento.

Questionada de como foi a escolha do padroeiro São José a entrevistada responde:

Dona Helena: Há muito tempo eu não era nem nascido ainda, minha vó, de nome Teófila, mas conhecida como dona “Tiofa” no tempo da guerra tinha duas irmãs, ainda meninas Ermenegilda e Ana que foram levadas para Salvador.

Certamente a entrevistada se refere ao Comitê Patriótico da Bahia² encabeçado por Lélis Piedade, que saiu de Salvador de trem com destino a Queimadas com o objetivo de prestar atendimento médico aos feridos da guerra, porém sentiu a necessidade de ir mais adiante, montou em Cansanção um posto de atendimento avançado para poder amparar de forma mais urgente os feridos.

O Comitê que inicialmente seria para atender os soldados feridos, transformou-se naquele período a única instituição de que se tem conhecimento no acolhimento e amparo dos sobreviventes de Canudos, especialmente aos que eles acreditavam que eram órfãos, depois de recolhidas, alimentadas e tratadas as crianças e mulheres eram enviadas para Salvador, onde ficariam aos cuidados do Comitê e do governo.

Seguem todas brevemente para a Bahia e há intenções de coloca-las de modo que depois da expiação da cadeia, se reabilitem pelo trabalho.

Os menores serão colocados em casas pias ou coisa que o valha (PIEDADE, 1897-1901. p.161).

Dona Helena, segue respondendo.

Dona Helena: Os pais delas morreram na guerra, os meus bisavôs, porém minha vó que já era casada e tinha um filho, não podia ir atrás das irmãs e desejava reencontrá-las. Ao saber que levaram as duas meninas pra Salvador, assim como o resto dos sobreviventes de Canudos, minha vó, então pediu ao seu irmão Tindé que fosse buscar as meninas.

Tindé era o apelido carinhoso que a família deu ao tio José, ele concordou com o pedido de vovó e no clarear do dia, aprontou o burro e partiu rumo à Serrinha.

Imagine a aventura dessa viagem no lombo de um animal saindo daqui da Barriguda pra Serrinha? Chegando em Serrinha, tio Tindé deixou o burro e foi de trem até Salvador.

2 Associação criada por membros da elite soteropolitana e sustentada por doações para auxiliar as forças republicanas. Esta organização respondeu de início às necessidades do Exército, mas, no pós-guerra, este comitê tornou-se defensor dos sobreviventes belomontenses e porta voz da consciência da elite baiana ante os crimes de guerra cometidos em Canudos pelas forças legais. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2605/1/Comit%C3%AA%20patri%C3%B3tico%20da%20Bahia%20na%20guerra%20de%20canudos.PDF>

Euclides da Cunha narra a “estação terminal da linha férrea, na Calçada” de onde inicialmente partiram as tropas e por onde desembarcaram centenas de soldados feridos, mutilados, bem como, alguns sobreviventes sertanejos e foi por essa linha férrea que saía de Salvador, passando pelo recôncavo, seguindo rumo ao sertão que Tindé chegou à capital.

Diz Dona Helena que ele ao chegar, foi procurar a casa onde botavam os que restavam de Canudos. Um cidadão sertanejo, estranha o cotidiano do povo do litoral e da mesma forma como o metropolitano estranha a figura do catingueiro, ele penou procurando a casa, as pessoas ensinavam receosas e com muita labuta acabou encontrando, porém lamentavelmente só encontrou uma das meninas a Ermenegilda que era a vó do famoso cantador Bião de Canudos, quanto a menina Ana até hoje não se sabe notícias.

A menina Ermenegilda contou a Tindé que estava dormindo com Ana e que ao acordar ela tinha sumido, levaram ela, não se sabe pra aonde e nem quem foi.

Lélis Piedade (1897-1901, p. 211) diz que o Comité, evitou a morte de muitos órfãos dando assistência e conforto, livrou outros da “verdadeira escravidão em que se achavam e porventura, a prostituição no futuro”, fez um alerta quanto ao recolhimento dos órfãos sendo que muitos deles foram levados por soldados, doados a fazendeiros e famílias ricas transformando-os em empregados, eram vistos como troféus de guerra, inclusive o próprio Euclides da Cunha levou uma criança para São Paulo e entregou ao Professor Gabriel Prestes, logo o “menino-jagunço” adotou o sobrenome do seu tutor, denominado de Ludgero Prestes, estudou e tornou-se docente como nos diz alguns autores e documentos publicados.

Dona Helena não abrandando o termo, de certo modo comunga e vai além do que diz o escritor do Comité Patriótico da Bahia, ela narra que Ana “foi roubada” o que até hoje deixa uma ferida aberta sem jamais cicatrizar por não terem notícias e nem uma investigação para que desse conta dessa criança que sumiu dos aposentos donde deveriam proteger e guardar os tão sofridos sobreviventes de um genocídio em massa como foi a guerra de Canudos.

Tindé ficou nessa casa seis meses, provavelmente esperando que Ana aparecesse, que alguém a trouxessem ou que ao menos dessem notícia da menina, enquanto isso em Canudos, mais precisamente na comunidade da Barriguda minha vó sofria angustiada sem notícia de Tindé, sem saber se completou a viagem e se encontrou as meninas.

Nada deles voltarem. Entre uma reza e outra a lagrima molhava o rosto já sofrido, a boca secava e o coração gritava a Deus pela vida dos meus irmãos, assim dizia vovó de joelho e terço na mão diante de São José o padroeiro da família.

Mantendo a esperança, vó Tiofa pede ao seu esposo, nesse caso ao meu avô Manuel pra ver se encontra os cunhados, os irmãos de vovó.

Dizia ela - “vai buscar Tindé, ele não quer vir não. Sabe lá como é que está”.

Meu avô Manuel ao romper do dia, antes do galo cantar e dos passarinhos se assanhar, saiu de casa montado até Serrinha, tal qual fez Tindé.

Em Serrinha pegou o trem desembarcou e quando chegou lá encontrou os irmãos Tindé e Ermenegilda.

Vó Manuel trouxe os dois, fizeram o trajeto de volta de trem até Serrinha, pegaram os animais e na viagem vinham reversando Tindé andava a pé um pouco enquanto a irmã montava, outra hora Ermenegilda andava enquanto Tindé montava.

E de pedaço em pedaço dessa longa rodagem, venceram a distância e chegaram aqui.

Nessa vinda de Tindé, ele trazia um quadrinho de São José, sim era um quadro, não era uma imagem de barro ou de cerâmica era um quadrinho que ele arrumou em Salvador trouxe um quadrinho era um quadro.

A repetição colocada por Dona Helena é pra frisar que embora seja uma moldura não desqualifica a dimensão da fé dedicada a devoção do padroeiro da comunidade que iniciou em agradecimento ao reencontro, a chegada e acima de tudo à vida e certamente ao cumprimento da promessa feita por Dona Tiofa de joelhos as lagrimas e aliviada, em partes pelo retorno dos dois irmãos e do esposo.

Assim, nasce a trajetória da novena de São José na comunidade da Barriguda, quando Tindé e a família rezavam, cantavam ladainhas, soltavam foguetes e passavam o dia e a noite de São José celebrando o Santo, no decorrer do tempo sentiram a necessidade de ampliar de um dia para a novena completa, passaram a reunir as famílias vizinhas que entre prosas, cafés e ladainhas celebravam o São José.

Fizeram uma capela.

Todo esse relato descrito por dona Helena poderia ter sido ouvido e registrado antes deste artigo, se alguns autores e pesquisadores se atentassem em não analisar Canudos pela perspectiva de Euclides da Cunha, pois como nos alerta José Calasans que analisava e compreendia os acontecimentos, as ações e as lembranças dos sobreviventes e descendentes como uma linha ausente dessa história de múltiplas

interpretações, deve ser portanto recontada do ponto de vista de quem perdeu um ente querido, de quem chorou ao ouvir as magoas, a revolta e a decepção por um governo que poderia ter evitado o sangrento episódio, pois o Canudos na visão dos vencidos ainda lhes faltam muitas linhas para ajeitar e completar essa história mal contada.

O Canudos não euclidiano como parte de informações e comentários relativos a um momento importantíssimo da História do Brasil, a chamada "Guerra de Canudos", de tanta significação na nossa vida social, política, cultural e militar. (CALASANS,1997. p. 11).

Ratificando, Canudos ainda tem muito por ser dito, tem uma infinidade de recordações, muitas delas desagradáveis e dolorosas como o desaparecimento da menina Ana entre outros conselheiristas, o abuso e a exploração das crianças e mulheres, a passagem de Conselheiro e seu séquito pelo município de Quijingue, onde aconteceu o fogo de Maceté entre outras tantas investigações necessárias a exemplo do nome Tindé se o mesmo é o José Travessia citado por alguns autores, por essa e por outras, objetivando o enriquecimento historiográfico da memória local do povo, não apresentado pelo então correspondente do jornal o Estado de São Paulo, faz-se, imprescindível a reescrita criteriosa desses aspectos frisados.

Tindé doou o terreno e em regime de mutirão construíram a capela que atualmente serve a comunidade, colocaram outra imagem, mas a imagem de São José trazida por Tindé está lá hoje ainda na capela, “eu penso que a filha dele deixou lá, embora ela levasse pra Euclides da Cunha, mas, sempre trazia nos festejos de São José”, assim disse Dona Helena acrescentando, “o Bispo Dom Jakson Berenguer Prado, foi benzer a capela quando eu ainda tinha apenas sete dias de vida”.

Dona Helena narra com nostalgia: as noites da novena de São José de quando ela era jovem em que havia muitas barracas, leilões com os prêmios doado pela comunidade, pessoas de toda a redondeza a exemplo Rosário, Bendegó, Canudos Velho e da cidade também e vinham muitos políticos para aproveitar a oportunidade e estar entre os eleitores.

Na família a devoção a São José é antiga, vem de Tindé que é contemporâneo da guerra de Canudos, aí fica a sugestão aos estudiosos e pesquisadores de Canudos que Tindé era o nome de José Travessia, pois segundo minha bisavó ele nasceu numa travessia, ela estava viajando, sentiu as dores e na travessa deu à luz a José. Temos

muitos Josés na família, começando por tio Tindé, seguido de meu pai, meu irmão mais velho, o mais novo e meu filho mais velho.

A entrevistada sugere o que anteriormente foi levantado pelo Professor e pesquisador José Calasans, quando insistia aos estudiosos e pesquisadores que falassem, escrevessem e tirassem do anonimato os vencidos, pois eles também merecem serem lembrados, exaltados para saírem dos escombros do apagamento.

Os vencidos também merecem um lugar na História. Não devem ficar no anonimato. Precisam desfrutar da situação definida do “quem era quem”. Assim pensando, julgamos que a gente humilde que lutou, matou e morreu na guerra fratricida de Canudos, o Belo Monte de Antônio Conselheiro, faz jus a ingressar num texto de caráter biográfico (CALASANS, 1986, p. 04).

Dona Helena afirma que antigamente a devoção parecia ser mais fervorosa, chovia sempre nos dias da novena, em uma certa ocasião alguém pegou escondido a imagem e parece que a Barriguda ia se acabar de tanta água. Sim de chuva!

Foi preciso correr nos quatro canto da comunidade pra pedir a pessoa que pelo o amor de Deus devolvesse a imagem, feito isso a calma voltou. Parece mentira, mas aconteceu. Foi tanta água que os riachos transbordavam passando piabas pelas estradas.

Os mais velhos devem lembrar desse episódio!

Tia Cotinha foi por muitos anos administradora da igreja e com chuva ou frio pelo menos a última noite sempre acontecia, independente da hora, teve noite em que a comunidade já não esperava mais a novena e do outro lado do riacho tia Cotinha com a chave e o terço na mão tocava as águas baixarem para poder atravessar e pagar a devoção.

Em uma dessas noites, lá pras tantas da madrugada a gente acorda com o chamado do sino e a gritada do povo dizendo que tia Cotinha atravessou lama e o riacho na cacunda do marido pra poder cumprir o dever de celebrar o São José. Era muita fé, o sacrifício valia pela devoção que não se ver mais nos dias de hoje.

Já era boca noite nesse momento da entrevista, no exato instante em que se ouvia o sino da igreja matriz anunciar as 18 horas, um costume herdado desde a chegada de Conselheiro onde o sino convocava o povo à procissão e a reza do terço, conforme relata Euclides da Cunha.

Ao cair da tarde, a voz do sino apelidava os fiéis para a oração. Cessavam os trabalhos. O povo adensava-se sob a latada coberta de folhagens. Derramava-se pela praça. Ajoelhava-se. Difundia-se nos ares o coro da primeira reza.

A noite sobrevinha, prestes, mal prenunciada pelo crepúsculo sertanejo, fugitivo e breve como o dos desertos.

Fulguravam as fogueiras, que era costume acenderem-se acompanhando o perímetro do largo. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena meio afogada nas sombras (CUNHA, p. 87).

Hoje o sino da igreja matriz, toca três vezes ao dia: as seis da manhã, ao meio dia e as 18 horas.

Dona Helena, relata com muita tristeza que aos poucos via a movimentação se acabando, por que também o povo mais velho foi viajando (morrendo) e os filhos saindo da comunidade, os que ficavam não tinha o mesmo entusiasmo e nem a devoção dos pais.

Quando percebi que poderia acabar resolvi organizar a novena por noiteiros sorteados com as famílias da comunidade de 11 a 19 de março, minha noite era a primeira, dia 11 e cada noiteiro responsável preparava sua noite animando e trazendo convidados, o município já tinha no calendário das festividades essa tradição celebrativa com missa no dia do Santo.

Com tudo isso, ainda não motivava o povo, a gente pelejava, fazia uma coisa, fazia outra e nada de animar esse povo, então foi quando eu disse vamos fazer uma caminhada, afirma Dona Helena.

Atualmente Dona Helena mora na sede, foi para cidade para exercer a docência e na saída dela a mesma deixou a chave e os cuidados da capela com sua sobrinha Ziza e sua vizinha e comadre Ana.

Com a pandemia houve ainda mais um distanciamento não acontecendo a novena, somente este ano de 2022 aconteceu a caminhada, mas sem a participação efetiva da comunidade, sem a banda de pífanos e sem a aglomeração dos anos anteriores.

A caminhada mencionada por Dona Helena consiste numa procissão saindo da capela, onde o fiel canta ladainhas e louvores a São José acompanhado pela banda de pífanos. No percurso há três cruzeiros, no primeiro cruzeiro, a parada rememora a morte da saudosa Eva que era filha de tia Cotinha, Eva ao chegar nesse ponto teve um mal súbito e faleceu após a saída da novena.



Figura 01 - Dona Lídia apoiada no ombro da Dona Helena no meio da procissão, próximo a barragem. (Arquivo pessoal do autor)



Figura 02 - Primeiro cruzeiro após a saída da capela, local onde faleceu a jovem Eva. (Arquivo pessoal do autor)

A segunda parada acontece dentro de uma fazenda onde há um cruzeiro mais antigo e uma sepultura, da finada Lucília que em vida pediu aos familiares que sepultassem ela ali, os familiares respeitaram, obedecendo ao pedido enterrada ela lá.

A terceira parada acontece a beira das águas da barragem, onde todos os fiéis bebem da água, dão graças a Deus pela abundância e reverenciam ao São José.



Figura 03 - Segundo cruzeiro, local do sepultamento da finada Lucília.
(Arquivo pessoal do autor)



Figura 04 - Barragem da comunidade da Barriguda.
(Arquivo pessoal do autor)

A quarta parada, acontece no mais novo cruzeiro no quintal de casa, diz Dona Helena, aqui era o lugar da casa de papai e mamãe, eles eram muito devotos.

Saindo do terceiro cruzeiro, a procissão segue rumo à capela percorrendo em baixo de um sol escaldante como foi este ano em torno das 15 h, que ao finalizar dá em média uns quatro quilômetros todo o trajeto.



Figura 05 -Terceiro cruzeiro, quintal da casa de D. Helena.
(Arquivo pessoal do autor)

Cabe destacar aqui, a valiosa contribuição pioneira do pesquisador Odorico Tavares que com o balançar de sua pena abriu brechas para José Calasans que alargou as veredas em torno da memória dos sobreviventes de Canudos, ambos registrando seus trabalhos por meio da pesquisa oral dos sobreviventes e reforçando a importância e o cotidiano da memória popular.

Nota-se pouco interesse pela problemática da história oral, porém a mesma tem se mostrado importante fonte e construção de pesquisa histórica, como contabilizou o trabalho de Odorico Tavares, José Calasans, Manoel Neto entre outros historiadores e autores.

Embora, haja o desinteresse de alguns, certamente isso seja pelos esforços dedicados do pesquisador em inserir a metodologia da entrevista, da observação e captação da informação de um indivíduo carregado de receio, medo e preservação de sua tranquilidade, como mostra a fala de Maria Avelina da Silva, entrevistada por Odorico Tavares em 1947, “para que adianta estar falando dessas coisas? Já passou. Estou velha e quero morrer em paz”. (TAVARES,1947, p.355).

A segunda etapa deste trabalho, parte da questão. Como iniciou a sua carreira de professora?

Dona Helena: Fomos visitadas e convidadas para trabalhar no MOBRAL³. Fui eu, Zefinha e Livinha, inicialmente só tínhamos o primário, passamos por um treinamento em Euclides da Cunha, fomos aprovadas e começamos a ensinar nas comunidades de Barriguda e Angico, cada professora com sua turma, eu ensinava em casa os jovens e adultos, Zefinha no prédio da Barriguda, trabalhava com as crianças e Livinha também com as crianças na escola do Angico.

Trabalhei uns dois anos com turma multisseriada com adultos, enfrentando muitas dificuldades pra alfabetizar e letrar pessoas com desenvolvimentos diferentes.

O Ministério da Educação – MEC concebe que estar alfabetizado significa ser capaz de interagir por meio de textos escritos em diferentes situações, significa ler e produzir textos para atender a diferentes propósitos. Por tal motivo, estabelecemos o período de 3 anos do ciclo de alfabetização para que a criança compreenda o Sistema Alfabético de Escrita e que seja capaz de ler e escrever com autonomia textos de circulação social. Sem dúvidas, com uma boa intervenção didática, esses objetivos poderão e deverão ser alcançados (BRASIL, 2015, p.19).

A entrevistada, vem de uma realidade onde a educação do campo era desvalorizada, quando o professor exercia diversas funções: auxiliar de serviços gerais, merendeira, docente de sala multisseriada, além de ter quatro ou mais planejamentos de aula, aliado as péssimas condições de materiais de trabalho ou a escassez dos mesmos e por fim a desvalorização e o não reconhecimento do professor, mas era preciso alfabetizar e ensinar os alunos sem transparecer essas preocupações e sobre carga, até por que eles não tinham culpa.

Nesses primeiros anos de docência, as professoras da Barriguda e do Angico estavam vinculadas a Euclides da Cunha na gestão do prefeito José Renato Campos, pois até então Canudos ainda não tinha a sua emancipação política.

A ex-professora relata que como não havia energia elétrica a prefeitura fornecia um botijão para a iluminação, um quadro de giz e papeis para os alunos escreverem.

3 Movimento Brasileiro de Alfabetização - Programa criado em 1970 pelo Governo Federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. Propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar. Disponível em <https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em 09 mai 2022.

Os alunos acabavam se divertindo, para eles era muito animado era um momento de se encontrarem, socializarem e construir aprendizado sozinhos e coletivamente.

Estes alunos saíam de suas casas no escuro e por muitas vezes encontravam os animais noturnos a exemplo de raposa e cobras, para quem não conhece a comunidade da Barriguda, as casas são distantes umas das outras e se o aluno fosse medroso, poderia fantasiar a ideia de encontrar um lobisomem ou uma assombração qualquer na estrada já que era muito comum as histórias de visagem nesse período.

Conforme Bauman (2008), o medo é o nome que damos para a nossa incerteza. Ele cumpre a função de instigar a curiosidade humana natural pelo que assusta, sem colocar sua própria integridade em risco.

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la (BAUMAN, 2008, p. 08).

Embora, houvesse em alguns essa imaginação de assombração e medo, os alunos nunca deixaram de ir para as aulas que aconteciam a noite, pois devo lembrar que estamos falando do Mobral e se era aula para adultos, estes trabalhavam o dia todo na roça em tempos de chuva e na seca sob o sol escaldante e conseqüentemente ficavam exaustos.

Sendo assim, era preciso sobressair com uma metodologia e didática de caminhar de mãos dadas com a compreensão, solidariedade e empatia da professora, pois educar é muito mais do que transmitir conteúdo é necessário contextualizar a aprendizagem com o cotidiano do aluno, entendendo a sua labuta e o esforço de aprender para facilitar em algumas situações do dia a dia quando se trata de ler e escrever.

Segundo Soares o letramento:

não se restringe ao aprendizado automático e repetitivo dos códigos convencionais da leitura e da escrita ensinados tradicionalmente nas escolas [...] ele acontece antes e durante a alfabetização e continua para o resto da vida (SOARES, 2003, p. 40).

Em 25 de fevereiro de 1985, Canudos foi desmembrado de Euclides da Cunha, ganhando a sua emancipação política e segundo Dona Helena no ano seguinte o primeiro prefeito eleito o senhor Manoel Adriano Filho (Vavá) também emancipou as professoras da Barriguda e do Angico como professoras municipais da cidade de Canudos.

Tivemos que ensinar e também estudar, aí começou uma fase difícil, pois eu morava a 18 quilômetros da sede, foi dada a oportunidade, mas não condições, por exemplo um dia por semana tínhamos que ir pra Canudos estudar, mas não tinha transporte para nós professoras fazer o deslocamento.

Perdi as contas de quantas vezes a gente foi a pé, chegando com fome e ainda ter que ficar o dia todo em aula e retornar cansada para no outro dia cedo ter que dá aula, pois quando passei para o município de Canudos, iniciei o trabalho com crianças do pré ao quarto ano e ainda com a turma multisseriada com aproximadamente 30 a 40 alunos.

Foi sofrimento, muito sofrimento.

Caminhei grávida quase os nove meses para o planejamento, um dia já com oito meses prestes a ganhar a Lelê (filha caçula) com a barriga pesada, casada e caminhando, de repente travou. Não conseguia ir pra frente e nem pra trás.

Era um dia importante, a coordenadora esperava para o treinamento e planejamento, por sorte nesse momento passou o “pagador” da prefeitura, teve dó, voltou o carro, me botou dentro e me levou pra casa.

Questionada sobre a dupla jornada de ser mãe e professora, Dona Helena relata com orgulho ter superado as dificuldades com responsabilidade de ser mãe de sete crianças e dar conta da educação das mesmas, dos afazeres domésticos, das atribuições de esposa e ao mesmo tempo ser professora buscando cada vez mais a profissionalização, desde que iniciou como professora do Mobral, relata que foi sacrificante e se fosse uma mulher fraca teria desistido nos primeiros obstáculos.

Confessa que a fé lhe ajudou bastante. A devoção ao São José, segundo a mesma aliviava o fardo, dando-lhe força e coragem, conforme descreve o sertanejo a respeito da fé, o poeta José Américo:

Fé

...O sertanejo não esquece
É de sua obrigação
Quando chega a seis horas

A Deus pede perdão
E sempre por caridade
Aos santos pede proteção
O chapéu tira da cabeça
E a mulher o terço na mão
É demonstração de fé
E mais profunda devoção (AMORIM,2018, p.27).

A entrevistada segue falando da labuta de lhe dá com uma turma multisseriada dos anos que exerceu a docência nas comunidades da Barriguda e depois no Angico, conta que sua irmã Tonha, também professora fazia os tachos de comida para servir aos alunos, muitas vezes levava essa comida ainda quente na cabeça, correndo o risco de cair e se queimar outras vezes ela pedia ajuda aos alunos maiores, atravessava um pau entre as alças do tacho ou do caldeirão e de cada lado um dos alunos seguravam e iam pra escola.

Lembro como se fosse hoje, por que isso marca a gente. Foi um tempo difícil que além de ser professora éramos a zeladora, merendeira e que ao chegar em casa tinha que preparar as aulas separadamente e nem sempre era possível fazer esse plano por série, a nossa sorte é que aqueles alunos de cada série que já sabiam um pouco mais do que os outros, ajudavam os que tinham dificuldades, era como se fosse um auxiliar da professora.

Outra situação cansativa nessa época era a confecção das provas, todas feitas manuscritas, imagine uma professora trabalhar 40 horas, dando conta de merenda, higienização da escola, afazeres domésticos, educação dos filhos entre outras atividades do lar ou da fé e ainda ter que escrever cerca de 40 provas à mão, pois não tinha o mimeógrafo⁴ muito menos esses equipamentos tecnológicos da computação e informática que hoje as escolas têm.

Atualmente os professores reclamam sem se dá conta do sofrimento que foi dos seus antecessores, hoje nenhum professor faz merenda, limpa a sala de aula, escreve 30 ou 40 provas ou atividades à mão, não escrevem mais de giz que produzia uma poeira horrível, nenhum professor trabalha mais em sala multisseriada, todos recebem conforme piso nacional e não são desvalorizados como outrora, isso

4 Mimeógrafo é um instrumento utilizado para fazer cópias de papel escrito em grande escala, reproduzido em papel estêncil. Foi um dos primeiros sistemas de cópias em série utilizados no ensino e por muitos anos usados nas secretarias das escolas para reprodução de atividades e provas.

dificultava o trabalho do professor e era pior quando esse profissional era mulher, pois aí vem a dupla jornada de trabalho.

Graças a Deus a educação evoluiu e com isso a melhoria aconteceu para facilitar o trabalho do professor que embora tenha trabalho no trabalho pedagógico, não chega perto das dificuldades que eu tive quando iniciei e já disse pra vocês.

Questionada sobre a transferência dela para sede, a entrevistada respondeu:

Aos poucos os alunos foram diminuindo, já não tinha alunos para as duas turmas das comunidades: Angico e Barriguda, isso me obrigou a vir pra Canudos, inicialmente fiquei no bairro do aeroporto e depois fui para o Jairo Azi, perto da igreja matriz.

Para mim, melhorou quando passei a lecionar na sede, fui para uma turma de séria única, era como ensinar um só aluno, pois era um único plano de aula, não tinha que fazer merenda, não precisei limpar a sala, já não escrevia todas provas e tinha muito mais recurso pedagógico que auxiliava na metodologia do ensino aprendido, por isso que de certo modo discordo com alguns professores que reclamam da dificuldade de dá aula. Eu digo que não, considerando todo o trabalho que tive, mas também não estou negando que haja dificuldades em alguns aspectos, embora comparando o ontem e o agora, hoje tá tudo aí na mão.

Indagada a respeito da conclusão de sua graduação em pedagogia, dona Helena fala: Em 2010 iniciamos o curso na UNEB era um programa chamado UNEB 2000⁵ uma parceria do município de Canudos com a Universidade do Estado da Bahia para capacitar e formar os professores que ainda não tinham o nível superior.

Às vezes me pego nostálgica do ensinamento e da contribuição para o ensino aprendizagem e para a vida como um todo da presença marcante do saudoso professor Marco Carneiro, um excelente educador que tão cedo partiu deixando órfãos vários professores que o admiravam.

Interrogada se algum dos filhos seguiram a profissão da mãe, dona Helena responde:

5 Programa de Formação, em Serviço, para Professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvido pela UNEB, em convênio com as Prefeituras Municipais, o Curso Intensivo de Graduação, Licenciatura Plena em Pedagogia, que acontece de forma presencial, com duração de três anos, carga horária de 3.240 horas. O programa funciona desde 2000, já tendo atuado em 130 municípios do Estado da Bahia. Atualmente o Programa expandiu suas ações oferecendo, com esta mesma organização, cursos de Licenciatura Plena em áreas específicas como Letras, Matemática, História, Biologia, em convênio com o governo do Estado da Bahia (PROESP).

Dos sete filhos, três: Luzia, Marcelo e Lelê tiveram experiência com sala de aula, porém só Luzia seguiu a carreira do magistério, atualmente a mesma é diretora da Escola Municipal Jairo Azi, Lelê apesar de ter nível superior não optou pela docência, formou-se em administração de empresa, atualmente trabalha no comércio de Canudos, Marcelo é funcionário efetivo do município.

Em formação superior ainda tem Edeusa que está cursando Serviço Social, todos eles constituíram família muito cedo e provavelmente por isso os meus filhos homens não chegaram à faculdade, isso não diminui a grandeza, a inteligência e a moral de nenhum deles.

São homens íntegros!

Aprenderam desde cedo a trabalhar em prol da família e que a família é a base das questões éticas e moral para que a gente consiga viver bem em sociedade, sou honrada pelos filhos que tenho, graças a Deus nenhum foi pro mal caminho, talvez por que herdaram as crenças, os valores e a educação no respeito ao outro.

CONCLUSÃO

O presente trabalho mostrou que embora haja milhares de trabalhos publicados sobre a história da guerra de Canudos e seus descendentes ainda há muito o que ser pesquisado, evidenciado e retirado dos escombros da ignorância para sair do anonimato dando protagonismo as vozes dos que carregam uma imensidão de ensinamentos nas suas memórias que ora foram ditas e recontadas pelos avós, bisavós e outros que sobreviveram a fraticida guerra de Canudos.

Percebi que muitas memórias não são ditas ou não foram ditas, por que não foram questionadas, estimuladas e se não apareceram em livros, jornais ou outros meios é como se elas não existiram e é aí que mora a invisibilidade por trás da rejeição dos que não tiveram a oportunidade de narrar o que ouviram e dá seu ponto de vista sobre o que muitos equivocadamente mentem e publicam como sua verdade levando outros a acreditarem.

Face ao exposto, pelo trabalho de Memórias não ditas: do terço ao giz, da devoção à educação, fica os frutos de uma pesquisa apontando para novos horizontes aos pesquisadores, professores de história do município e aos historiadores e curiosos dos acontecidos sobre Canudos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. 2008. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

BRASIL, Secretaria de Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização**. Caderno de Apresentação. Brasília: MEC/SEB 2015.

CALASANS, José. **Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro**. Salvador C.E.B, UFBA,1986.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Revista presença pedagógica, V.9, n. 52. Jul/ago. 2003.

PIEIDADE, Lélis. (Coord.) OLAVO, Antônio (Org.) **Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897 – 1901)**. Salvador: Portfolium Editora, 2002, 288 p.:il.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.